

Ideologia(s) nos manifestos a favor e contra o golpe militar: olhares bakhtinianos

Francis Lampoglia e Valdemir Miotello

Submetido em 26 de abril de 2012.

Aceito para publicação em 12 de junho de 2012.

Publicado em 30 de junho de 2012.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 44, junho de 2012. p. 319-346

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Creative Commons Attribution License](#), permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
- (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
- (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
- (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sábado, 30 de junho de 2012

23:59:59

IDEOLOGIA(S) NOS MANIFESTOS A FAVOR E CONTRA O GOLPE MILITAR: OLHARES BAKHTINIANOS

Francis Lampoglia*
Valdemir Miotello**

RESUMO: *Este artigo estuda o discurso de manifestos contra e a favor do golpe militar de 1964 sob a perspectiva do Círculo de Bakhtin. Cientes de que a eclosão e o estabelecimento desse governo tiveram apoio de setores da sociedade, confrontando-se com outros, observaremos como a ideologia e o sujeito influenciam na construção dos sentidos. Para isso, utilizaremos como recorte seis manifestos e as respectivas páginas que os constam, publicados em 1º e 06 de abril de 1964 nos jornais Última Hora e Jornal do Brasil. A análise preliminar dos dados indica a importância do contexto sócio-ideológico-histórico e do ponto de vista do sujeito na produção de sentidos.*

PALAVRAS-CHAVE: *ideologia; sujeito; ditadura militar; Mikhail Bakhtin.*

1. INTRODUÇÃO

O governo militar não se deflagrou e se manteve sozinho no poder. Ao contrário, contou com amplo apoio, especialmente de grande parcela da classe média, setores da Igreja, de empresários, industriais e comerciantes, que estiveram ativamente à frente da campanha para a derrubada de João Goulart e a ascensão dos militares ao poder. Embora, com o passar do tempo, tal adesão tenha sido paulatinamente enfraquecida e hoje a voz que se sobressai frente às demais seja contra o governo dos militares, havia na época discursos a favor do regime militar, sendo alguns deles materializados nos recortes selecionados neste trabalho. Também veremos que, desde o começo, havia vozes de contestação, que não compactuavam com a queda de Jango e muito menos com o golpe que o derrubaria. Vozes essas que se manifestaram textualmente, sendo algumas delas aqui recuperadas para nossa análise. Diante desse cenário de luta de vozes, e embasados pelos estudos de Mikhail Bakhtin, temos por objetivo observar como a ideologia atua nos dizeres dos manifestos a favor e contra ao golpe militar de 1964, e como o sujeito se posiciona em relação aos acontecimentos que marcaram a história de nosso país. Com isso, iniciaremos nosso trabalho apresentando uma breve discussão sobre os acontecimentos que levaram ao golpe militar e a influência de institutos, como o IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais) e o IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática) na eclosão e na consolidação do governo ditatorial. Em seguida, explanaremos os conceitos de ideologia e sujeito segundo os pressupostos do Círculo de Bakhtin e, logo depois, faremos as análises dos recortes selecionados. Por fim, encerraremos este trabalho, sem a pretensão de esgotá-lo, com as considerações finais.

* Centro de Educação e Ciências Humanas / Universidade de São Carlos (CECH/UFSCar), FAPESP n. 2010/3200-2: francidusp@hotmail.com

** Centro de Educação e Ciências Humanas / Universidade de São Carlos (CECH/UFSCar): miotello@terra.com.br

2. UMA REFLEXÃO SOBRE AS INFLUÊNCIAS QUE LEVARAM AO GOLPE

Iniciou-se no dia 31 de março de 1964, em Juiz de Fora, Minas Gerais, a movimentação de tropas comandada pelo general Olympio Mourão Filho com a finalidade de depor João Goulart da presidência da república. Aos poucos, regimentos militares de diferentes pontos do país também se rebelam e aderem ao movimento para derrubar o presidente civil. No dia seguinte, Goulart segue do Rio de Janeiro à Brasília e Costa e Silva proclama-se “Comandante do Exército Nacional”. Em 02 de abril, Goulart segue de Brasília a Porto Alegre e de lá, mais tarde, saíria do Brasil. Nesse mesmo dia, o Congresso Nacional, representado por Auro de Moura Andrade – senador do PSD pelo Estado de São Paulo e presidente do senado – declara vacância do cargo de presidente da república e empossa Ranieri Mazilli, presidente da Câmara dos Deputados no cargo em questão. Dias mais tarde baixa-se o primeiro Ato Institucional – que viabiliza a cassação de mandatos e a suspensão de direitos políticos – e toma posse o general Castelo Branco, dando início ao período da ditadura militar que perdura por 21 anos no Brasil.

Entretanto, as origens ou causas da ditadura militar não se resumem na ação de apenas uma pessoa isolada (no caso Mourão Filho) ou de um acaso imediato dos acontecimentos. Mas pode-se dizer que foi fruto da estrutura política, econômica e social que antecederam e atravessaram todo o período, sendo seus resquícios encontrados até hoje, da política à fala do cotidiano.

Os anos que antecederam o golpe em abril de 1964 foram marcados pela queda do populismo e pela falta de representatividade do capital multinacional na economia brasileira. Com o intuito de alcançar uma liderança política, o capital multinacional e associado organizou grupos de pressão que envolviam a classe média, empresários, industriais, políticos, banqueiros, comerciantes etc. contrapondo-se à política populista, à burguesia tradicional e aos setores oligárquicos, visando à substituição do populismo pelo controle de massa coercitivo que lhe garantisse representatividade no governo. Segundo Dreifuss (1981)

Os empreendimentos transnacionais e nacionais de grande escala, agindo como um bloco de poder, tentaram flanquear as restrições político-econômicas do populismo enquanto minavam o sistema político e o regime tradicional. Ao assumir a liderança dos principais setores da economia, o bloco multinacional e associado organizou grupos de pressão e federações profissionais de classe, escritórios técnicos e anéis burocrático-empresariais, com o objetivo de conseguir que seus interesses tivessem expressão a nível de governo. Contudo, a liderança do bloco de poder multinacional e associado era obviamente incompatível com o domínio político da burguesia tradicional e setores oligárquicos (DREIFUSS, 1981, p. 104).

Com isso, nota-se que o período foi permeado pela luta de vozes entre classes que disputavam a sua representatividade no governo e sua consequente hegemonia no poder. Nesse embate, a burguesia multinacional associada, capitaneada pelo complexo IPES/IBAD, disseminou uma longa campanha ideológica a fim de fragilizar a esquerda política e o trabalhismo através dos meios de comunicação como rádio, televisão e jornais. A ação ideológica promovida pelo IPES/IBAD, doutrinando contra o comunismo e o populismo através da mídia com a finalidade de minar o apoio ao governo e reunir a classe média contra ele, não seria o suficiente, sendo preciso construir uma rede de apoio dentro das Forças Armadas. Tanto o foi que alguns dos

mais destacados associados ao IPES/IBAD foram oficiais influentes da época. Mas o que foram os grupos IPES/IBAD?

O Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) era um grupo de ação política e ideológica, criado em fins da década de 1950 e instituído com o propósito de “defender a democracia”, tendo como participantes das atividades do IBAD os membros do Conselho Superior das Classes Produtoras (CONCLAP), da American Chambers of Commerce e de outras associações de classe importantes (DREIFUSS, 1981). O IBAD operava de modo reservado, procurando apoio de diferentes fontes para alcançar seus objetivos e preparando a infra-estrutura de manobras futuras. Conforme afirma Dreifuss (1981, p. 102-103),

Através do IBAD, os intelectuais orgânicos das classes empresariais se mostraram dinâmicos em estabelecer ligações com empresários, militares e detentores de altos cargos públicos, bem como em mobilizar o público em geral. O IBAD influenciou e penetrou no legislativo e nos governos estaduais, interveio em assuntos eleitorais nacionais e regionais e apoiou alguns sindicatos em particular. Ele ajudou a promover ainda alguns líderes camponeses e sindicais, movimentos estudantis e organizações de pressão dentro das classes médias.

Já o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) reunia militantes de diferentes correntes de pensamento que se uniam pelas relações econômicas multinacionais e associadas, pelo posicionamento anticomunista e pela ambição de remodelar o Estado. Fundado oficialmente em 29 de novembro de 1961, o IPES tinha uma dupla vida política. Para seus simpatizantes e defensores, o IPES era uma organização de homens de negócios e intelectuais, uma agremiação apartidária que, segundo o documento básico “A responsabilidade democrática do empresário”, citado por Dreifuss (1981), tinha como objetivo

(...) promover a educação cultural, moral e cívica dos indivíduos’, ‘desenvolver e coordenar estudos e atividades de caráter social’ e, ‘por meio de pesquisa objetiva e discussão livre, tirar conclusões e fazer recomendações que irão contribuir para o progresso econômico, o bem-estar social e fortificar o regime democrático do Brasil (...)’ (IPES¹ apud DREIFUSS, 1981, p. 164).

Já o lado oculto do IPES coordenava uma campanha política, ideológica e militar, manipulando opiniões e promovendo operações secretas da burguesia, executadas por forças-tarefas especializadas, unidades de ação e grupos com codinomes e subsidiários (DREIFUSS, 1981, p. 164). Embora alguns de seus fundadores considerassem importante que o IPES deveria ser uma organização clandestina, optou-se por operar também com o conhecimento do público, tendo, assim, uma dupla função.

Dessa forma, o complexo IPES/IBAD atuava em conjunto, sendo que o IPES estruturava-se como centro estratégico e o IBAD configurava-se como uma unidade tática, assumindo a maior parte das glórias e fracassos das atividades secretas, expondo-se, assim, mais ao público que o IPES. Esse complexo, com isso, “(...) se tornava o verdadeiro partido da burguesia e seu estado-maior para a ação ideológica, política e militar” (DREIFUSS, 1981, p. 164).

¹ Esta citação foi retirada do folheto do IPES citada por Dreifuss (1981) em seu livro.

Em decorrência disso, para Dreifuss (1981), o que aconteceu entre 31 de março a 1 de abril de 1964 não foi um golpe militar, mas a culminância de um movimento civil-militar, em que cargos importantes do governo Castelo Branco foram dados a empresários industriais multinacionais realizando, assim, os anseios da burguesia multinacional e associada. Mas se a preparação do golpe foi resultado de uma conspiração civil-militar, o golpe foi essencialmente militar. Embora no primeiro governo militar sobressaísse os interesses do capital internacional, houve nos anos seguintes a crescente militarização do governo, com a ocupação de cargos importantes pela ala militar, além do abandono da cartilha liberal, representado pelo intervencionismo e pela estatização realizados pelo regime. Fico (2004, p. 38) reflete que

As sucessivas crises do período foram resolvidas *manu militari* e a progressiva institucionalização do aparato repressivo, que pela primeira vez na história brasileira envolveria diretamente os militares na atividade de polícia política, também demonstra a feição militar do regime. Do mesmo modo, sucessivas levas de militares passaram a ocupar cargos em importantes agências governamentais. Além disso, o silêncio com que empresários, em outras fases da ditadura, assistiram ao abandono da cartilha liberal, sobretudo com o incremento do intervencionismo e da estatização, também indica que, se podemos falar de um golpe civil-militar, trata-se, contudo, da implantação de um regime militar – em duas palavras: de uma ditadura militar. (FICO, 2004, p. 38).

Com isso, podemos perceber a ação da ideologia tanto antes do golpe – favorável à conspiração civil-militar – quanto depois, predominantemente voltado aos interesses militares. Essa ação da ideologia pode ser detectada no/pelo discurso, já que qualquer transformação ou mudança na sociedade se reflete na palavra (BAKHTIN, 2006). A partir disso, veremos a seguir a concepção de ideologia e sujeito pela vertente bakhtiniana, com a finalidade de refletirmos sobre a ação da ideologia e o papel do sujeito na construção do discurso dos recortes selecionados.

3. IDEOLOGIA E SUJEITO EM BAKHTIN

Mikhail M. Bakhtin, juntamente com o Círculo de intelectuais do qual fazia parte – conhecido contemporaneamente como Círculo de Bakhtin, debruçaram-se sobre variados temas, contribuindo para pesquisas de áreas como as de estudos literários, antropologia, filosofia, etc., sendo que neste artigo nos deteremos na contribuição de Bakhtin nos estudos da linguagem.

O Círculo de Bakhtin colabora com os estudos da linguagem na medida em que discute, dentre outros conceitos, questões como o signo lingüístico e a ideologia, noções caras na análise de um discurso. A noção de ideologia concebida pelo Círculo Bakhtiniano possui raízes nos trabalhos de Karl Marx. Este autor entendia a estrutura da sociedade em dois níveis, que seriam a infra-estrutura e a superestrutura. O primeiro nível remete às forças produtivas e as relações de produção, enquanto que o segundo refere-se às instâncias jurídico-políticas (como o Direito e o Estado) e ideológicas (como religião, moral, distintas ideologias, entre outras). Baseado nesse estudo marxista, Bakhtin e o Círculo concebem a ideologia oficial e a do cotidiano, entendendo que a relação entre essas duas instâncias se reflete na linguagem. A ideologia oficial

pode ser entendida como a relativamente dominante e estável, que tenta promover uma concepção única de produção de mundo (MIOTELLO, 2005). Essa ideologia se dissemina através da moral, da religião, do direito, da ciência, da arte, dentre outras instituições socialmente legitimadas.

Já a ideologia do cotidiano encontra-se presente nas conversas do dia-a-dia, no cotidiano da vida social. É relativamente instável, podendo ser considerada como acontecimento (MIOTELLO, 2005). Compreendendo vários níveis, Bakhtin destaca os de estratos superiores e inferiores. O nível inferior da ideologia do cotidiano refere-se aos encontros casuais realizados em um período restrito, em que as atividades mentais não possuem uma forma ideológica clara. Bakhtin afirma que é “(...) difícil perceber nesses farrapos ideológicos leis sociológicas. [...] [Neste nível] só se apreendem regras estatísticas: é apenas a partir de uma grande massa de produtos dessa ordem que se pode descobrir as grandes linhas de uma ordem sócio-econômica” (BAKHTIN, 2006, p. 122). Já o nível superior da ideologia do cotidiano está mais próximo aos sistemas ideológicos, sendo o estrato em que as alterações das infra-estruturas socioeconômicas repercutem mais rapidamente, acumulando “[...] as energias criadoras com cujo auxílio se efetuam as revisões parciais ou totais dos sistemas ideológicos” (BAKHTIN, 2006, p. 123). Aqui, a ideologia é materializada em organizações sociais determinadas, como sindicatos, associações de classe, dentre outros.

As ideologias oficial e do cotidiano influenciam-se mutuamente, sendo que a primeira confere um direcionamento à segunda e esta fornece subsídios para que a ideologia oficial se firme como tal. Para Bakhtin,

Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano; alimentam-se de sua seiva, pois fora dela, morrem [...] (BAKHTIN, 2006, p. 121).

A ideologia oficial, portanto, toma forma e consistência a partir da evolução e da consolidação dos pensamentos e ideias geradas no cotidiano. Entretanto, tal relação entre a ideologia oficial e a do cotidiano só é possível através da interação verbal. Isso porque a palavra “[...] penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc.” (BAKHTIN, 2006, p. 40). A palavra pode tanto confirmar a ideologia oficial como refutá-la, marcando uma nova construção ideológica.

Para a concepção marxista, a ideologia pode ser entendida como falsa consciência, como um ocultamento das contradições sociais, visto essa questionada por Bakhtin, já que ele entende a ideologia não como “(...) uma falsa consciência, ou simplesmente como expressão de uma idéia, mas como expressão de uma tomada de posição determinada” (MIOTELLO, 2005, p. 169). A partir disso, o sujeito ativamente se posiciona, expressando e dando vida à ideologia, já que ela é produto da interação social, constantemente modelada e (re)construída pelo meio social.

Sendo assim, sob a ótica bakhtiniana, é possível observar que a ideologia oficial era passada pela classe dominante (empresários, banqueiros, alto escalão militar, etc.) para a classe dominada, se infiltrando na ideologia do cotidiano através da palavra, ou

seja, de propagandas a favor do governo militar, filmes e jornais que reforçavam os valores capitalistas, dentre outros meios de disseminar as “vantagens” do governo ditatorial militar e rechaçar tudo o que se configurava como oposição ao regime. A partir disso, a ideologia oficial influencia a do cotidiano de forma a se garantir no poder, enquanto que esta última retro-alimenta a oficial, dando-lhe legitimação. Entretanto, embora a palavra do cotidiano colaborasse para a consolidação da ideologia oficial, salienta-se a existência de discursos de resistência que visavam romper com tal ideologia, o que se desdobrou na repressão e censura.

Contudo, apesar da ideologia influenciar na tomada de posição do sujeito, ela não o domina inteiramente, já que o sujeito, segundo a concepção bakhtiniana, é ativo e responsável por seus atos. Para ele, “[...] separada da responsabilidade, a vida não pode ter uma filosofia; ela seria, por princípio, fortuita e privada de fundamentos.” (BAKHTIN, 2010, p. 117). Isso porque cada sujeito é único, singular em sua existência, não podendo escapar da sua responsabilidade existencial.

Além de responsável, o sujeito bakhtiniano é um ser de resposta, já que na interação com o outro, ele ativamente o responde, o que rompe com o pressuposto de um ouvinte estático e passivo das teorias de processos comunicacionais até então em voga, baseadas no esquema unidirecional de comunicação do emissor ativo da mensagem e do receptor passivo. Ao ouvir e entender o significado do dizer, o sujeito assume uma posição responsiva, respondendo ao outro através de sua compreensão ativa. Conforme Bakhtin,

o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do ouvinte (BAKHTIN, 2003, p. 271).

O sujeito, portanto, é um ser responsável e de resposta, que constrói e é construído na/pela linguagem. Isso porque a linguagem é construída na relação entre indivíduos, constituindo, assim, em “[...] produto da interação do locutor e do ouvinte” (BAKHTIN, 2006, p. 115), e também é através dela que o outro dá acabamento ao sujeito, já que “(...) através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade.” (BAKHTIN, 2006, p. 115). Além disso, o sujeito é portador de um ponto de vista, atribuindo um determinado valor a um dado objeto ou acontecimento. Para Bakhtin, “(...) viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida, significa firmar-se axiologicamente” (BAKHTIN, 2003, p. 174). Ou seja, o sujeito posiciona-se valorativamente em relação ao objeto, dando-lhe um determinado valor, sendo tal condição inerente ao indivíduo.

Tendo em vista as discussões sobre ideologia e sujeito, conceitos fundamentais para o estudo do discurso, verificaremos em seguida como a aplicação de tais mecanismos contribuem para a compreensão do funcionamento discursivo em manifestos de adesão ou repúdio ao golpe militar publicados nos jornais *Última Hora* e *Jornal do Brasil*, ambos disponíveis na rede eletrônica, observando o contexto em que foram produzidos.

4. UMA BREVE HISTÓRIA DOS JORNAIS SELECIONADOS

Os jornais que ora utilizamos como recorte para este artigo, quais sejam, *Última Hora* e *Jornal do Brasil*, possuíam grande circulação entre o público-leitor na época em que os manifestos aqui selecionados foram publicados, embora esses jornais se diferenciasssem no que concerne ao público-alvo e a orientação filosófica.

O jornal *Última Hora* foi fundado em 12 de junho de 1951 por Samuel Wainer, no Rio de Janeiro. Esse jornal nasceu do incentivo do então Presidente da República Getúlio Vargas, que precisava de um jornal que defendesse suas iniciativas, dada à frieza e a indisposição da imprensa majoritária da época em publicar os atos do governo.

De baixa paginação, baixo custo e com publicidade de produtos voltados ao público de baixa renda, o jornal *Última Hora* (UH) atingia, em geral, o leitor das classes B, C e D, caracterizando-se, dessa forma, como um jornal popular. Alçando a marca de mais de 100 mil exemplares vendidos em menos de um ano, UH tornou-se um periódico popular de sucesso, formando um elo entre Getúlio Vargas e a população. Em outras palavras, o UH era considerado “uma tribuna de Getúlio Vargas, que se definia como ‘do povo para o governo’” (AMARAL, 2006, p. 25).

Além do apoio à política de Vargas, da defesa do trabalhismo, do nacionalismo e dos interesses do povo em seu conteúdo, o UH apostava em um projeto gráfico criado por Andrés Guevara, propondo um padrão visual inovador para a imprensa brasileira da época (RIBEIRO, 2001). Esse visual gráfico incluía o uso de setas, grise, vinhetas e fios de variadas espessuras pelas páginas, além da valorização da fotografia que, ao contrário das fotos estáticas publicadas pela maioria dos jornais, eram dinâmicas, sendo UH o pioneiro na utilização da cor, do contraste, da granulação e dos meios-tons (RIBEIRO, 2001). UH contava ainda com uma equipe de jornalistas qualificada, que eram atraídos pelos altos salários pagos pelo jornal. Tais fatores contribuíram com o sucesso do periódico, instigando a abertura de filiais em outros estados do Brasil.

Com a morte de Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954, UH tornou-se oposição ao novo Presidente João Café Filho, apenas voltando a apoiar o governo na gestão de Juscelino Kubitschek, que ajudou a quitar as dívidas do jornal. Durante o governo de Jânio Quadros, UH defendeu a aproximação do Brasil com os países socialistas e, depois da renúncia de Jânio, apoiou a posse de João Goulart e suas propostas de reformas de base (CPDOC, s.d.).

Após o golpe militar de 1964, UH começa a decair. O proprietário e fundador do jornal, Samuel Wainer, tem seus direitos políticos suspensos e asila-se na França, e desde então a rede de jornais UH é gradativamente esfacelada. As filiais passam a ser vendidas, transferidas para outros donos ou fechadas, resistindo apenas a UH do Rio de Janeiro até 1971, quando foi vendida para o empreiteiro Maurício Nunes de Alencar, da Cia. Metropolitana, que dois anos depois a passou para o consórcio dirigido por Ary de Carvalho, encerrando suas atividades em 1982 (RIBEIRO, 2001). Atualmente, o *site* do Arquivo Público do Estado de São Paulo abriga o acervo digitalizado de parte do fundo de UH do Rio de Janeiro, abrangendo o período entre 1955 e 1969.

Em contraposição aos jornais populares, os jornais de referência são voltados mais à elite, com maior poder aquisitivo e maior nível de escolaridade. Sobre jornais de referência, Amaral (2006) os considera como “(...) os grandes jornais consagrados econômica e politicamente ao longo da história, que dispõem de prestígio no país e são dirigidos às classes A e B” (AMARAL, 2006, p. 29-30). São jornais que possuem

matérias mais extensas e mais elaboradas e com um custo elevado, se comparados aos jornais populares. Por essas e outras características, neste trabalho concebemos o *Jornal do Brasil* como um jornal de referência, já que possui características próprias desse segmento.

Fundado por Rodolfo de Souza Dantas em 09 de abril de 1891, o *Jornal do Brasil* passou por várias controvérsias políticas durante a sua existência. Inicialmente a favor do golpe militar de 1964, o jornal paulatinamente vai se voltando contra esse regime, dado às represálias e censuras pelas quais o jornal passava, culminando na emblemática nota sobre o clima, publicada em 14 de dezembro de 1968 – dia seguinte ao Ato Institucional 5 (AI-5) –, que dizia “Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos. Max.: 38°, em Brasília. Mín.: 5°, nas Laranjeiras” (JORNAL DO BRASIL, 14/12/1968, p. 1). O *Jornal do Brasil* deixa de publicar sua versão impressa em 2010, ficando em atividade apenas a versão eletrônica do periódico. Atualmente, o acervo que abrange os jornais dos anos 1930 a 1990 encontra-se digitalizado e disponível online, armazenado no banco de dados do site Google News.

Tendo em vista essas trajetórias, é possível verificar em quais contextos os manifestos se inserem e, conseqüentemente, observar o papel da ideologia e do sujeito no jornal capaz de influenciar na produção de sentidos.

5. ANÁLISES DE “MANIFESTOS À NAÇÃO”: O IDEOLÓGICO EM DISCURSO

O apoio e o patrocínio a manifestos eram algumas das formas de ação da campanha ideológica do complexo IPES/IBAD para desestabilizar o governo João Goulart e, depois da deposição do presidente, apoiar a ditadura militar. Produzidos por associações e categorias funcionais e profissionais, os manifestos eram recorrentes na imprensa entre 1962 e 1964. Foram muitos os manifestos em apoio à deposição de Goulart e à ascensão de um governo militar. Dentre eles, Dreifuss (1981) destaca o “Manifesto das Classes Produtoras”, que marcava a posição política de empresários brasileiros, e também o “Manifesto das Enfermeiras às Forças Armadas”, que pediam a intervenção dos militares no processo político contra João Goulart, ambos publicados no ano de 1963. Tais manifestos eram publicados em jornais como o *Jornal do Brasil* e *O Estado de S. Paulo*, dentre outros de influência na época.

Dessa forma, selecionamos para este trabalho seis manifestos enviados por diferentes classes sociais a respeito da iminência e deflagração do golpe militar de 1964, para a publicação nos jornais Última Hora e Jornal do Brasil. Tais recortes foram escolhidos por enfatizarem seus posicionamentos em relação aos acontecimentos da época. Também agregamos às nossas análises as cinco páginas que contêm esses manifestos, destacando as partes (mais precisamente duas) que dialogam mais diretamente com a ideologia e o posicionamento dos jornais pesquisados.

Após a seleção dos recortes, identificamos as sequências discursivas em que são observadas as regularizações e as rupturas presentes no discurso. Depois de detectadas as regularidades e rupturas no dizer, momento em que se pode observar os sentidos da sequência estudada, pudemos descrever o funcionamento discursivo. É esse funcionamento discursivo que, através da pesquisa das condições de produção aliada às

noções bakhtinianas de sujeito e ideologia, fornece as bases para a interpretação e a redação das análises.

Assim, observamos as marcas discursivas presentes nos recortes e as relacionamos aos postulados bakhtinianos e ao contexto sócio-histórico, na busca de pistas presentes na linguagem que permitem identificar as filiações ideológicas do discurso e do sujeito. A escolha dos estudos de Bakhtin para fundamentar este trabalho deveu-se à maneira como esse teórico concebe a linguagem, não como isolada, idealizada ou externa ao indivíduo, mas em interação com ele e em relação ao contexto social e histórico no qual está inserido. Ademais, a linguagem implica uma concepção de valores a respeito do objeto do qual se fala, num posicionamento, já que Bakhtin afirma que “viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida, significa firmar-se axiologicamente” (BAKHTIN, 2003, p. 174).

Com isso, veremos a seguir um recorte do Jornal do Brasil, referente à publicação dos dias 05 e 06 de abril de 1964, ou seja, poucos dias depois da tomada do poder pelos militares:

(Fonte: JORNAL DO BRASIL, 05 e 06/04/1964, p. 03)

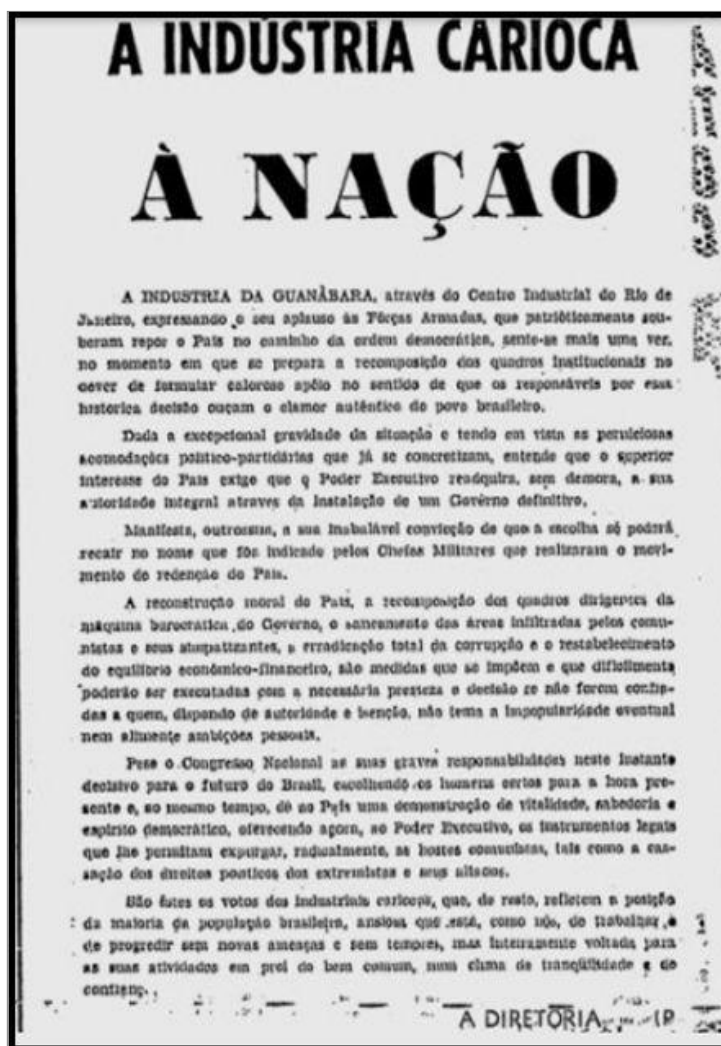


Figura 1 - Manifesto da Indústria Carioca

Neste recorte, nota-se a manifestação de apoio da indústria carioca ao golpe militar, tendo em vista a ameaça de a ideologia comunista tornar-se oficial no país. No trecho:

A indústria da Guanabara, através do Centro Industrial do Rio de Janeiro, expressando o seu aplauso às Forças Armadas [...] sente-se mais uma vez [...] no dever de formular caloroso apelo no sentido de que os responsáveis por essa histórica decisão ouçam o clamor autêntico do povo brasileiro (JORNAL DO BRASIL, 05 e 06/04/1964, p. 3).

Nota-se que a indústria carioca constrói seu dizer como se representasse os anseios de todo o povo brasileiro, embora apenas se preocupasse com seus próprios interesses. Outro manifesto pró-golpe, também publicado na página 3 do Jornal do Brasil dos dias 05 e 06 de abril de 1964, encontra-se a seguir:

(Fonte: JORNAL DO BRASIL, 05 e 06/04/1964, p. 3)

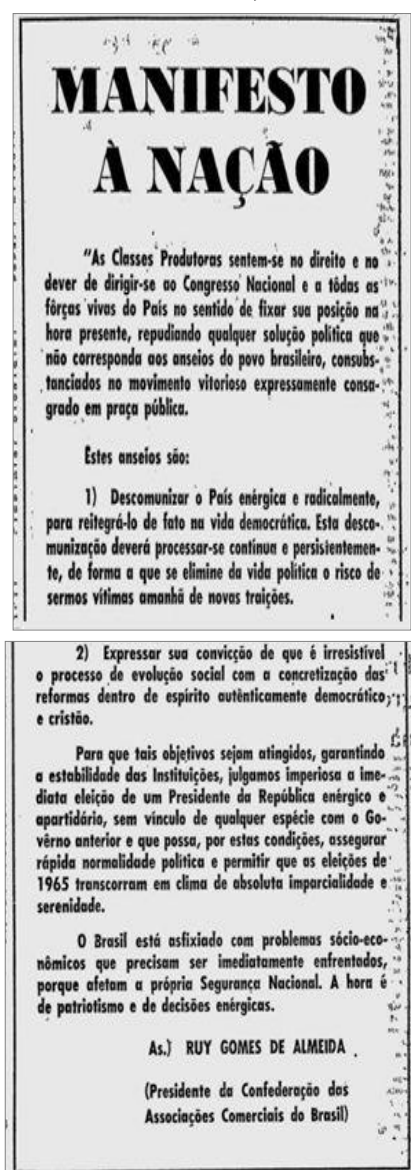


Figura 2 – Manifesto das Classes Produtoras

Como no recorte anterior, esse manifesto das classes produtoras clama o afastamento das ideias (e das pessoas) que poderiam afetar a ideologia oficial – capitalista – como forma de assegurar seus interesses e seu poder econômico. Observa-se, então, que os sujeitos desses manifestos posicionam-se favoravelmente ao golpe militar, ratificando a campanha ideológica promovida pelo IPES/IBAD de apoio ao novo regime. Ao pregar a “descomunização” do país e a reafirmação dos valores cristãos e “democráticos” – em que a democracia aqui é empregada no sentido da corrente liberalista –, o manifesto corrobora com a ideologia oficial, clamando pela “normalidade política”, ou seja, pelo retorno da estabilidade dessa ideologia oficial capitalista.

Mas também havia manifestos oriundos de outras formações ideológicas, que apoiavam João Goulart e suas reformas de base. Estes manifestos eram publicados em jornais de resistência ao golpe militar, como o jornal *Última Hora*². Dessa forma, foram selecionados três manifestos publicados no jornal *Última Hora* no dia 1º de abril de 1964, sendo o primeiro do Central Geral dos Trabalhadores (CEGT) dirigindo-se aos trabalhadores, como segue:

(Fonte: ÚLTIMA HORA, edição vespertina, p. 3, 1º abr. 1964)



Figura 3 – Manifesto CEGT

Este recorte do jornal *Última Hora* diz respeito ao chamamento por parte do CEGT aos trabalhadores, alertando-os para uma iminente greve geral, em apoio à João Goulart. Observa-se que as enumerações das atitudes tomadas pelo presidente, tais como o Decreto da Superintendência da Reforma Agrária (SUPRA), tabelamento dos alugueis, encampação das refinarias, combate aos especuladores e a mensagem presidencial ao Congresso quando da votação imediata das reformas de base, apontam para as medidas que beneficiam a classe trabalhadora, operando como razões que

² Acesso pelo site do Arquivo Público do Estado de São Paulo, fundo *Última Hora*.

embasam o apoio à Jango e, com isso, formar uma imagem do governo Goulart como aliado das classes menos favorecidas.

Sob o olhar bakhtiniano, é possível observar a ação dos estratos superiores da ideologia do cotidiano pela palavra, visando consolidar a orientação reformista do governo de Jango e romper com o discurso estabilizado da concentração de riqueza capitalista. Entretanto, como afirma Bakhtin,

(...) no decorrer da luta, no curso do processo de infiltração progressiva nas instituições ideológicas (a imprensa, a literatura, a ciência), essas novas correntes da ideologia do cotidiano, por mais revolucionárias que sejam, submetem-se à influência dos sistemas ideológicos estabelecidos, e assimilam parcialmente as formas, práticas e abordagens ideológicas neles acumulados. (BAKHTIN, 2006, p. 123).

Como tal orientação afrontava a ideologia oficial historicamente estabelecida no Brasil, qual seja, a de favorecimento das classes abastadas em prejuízo das classes de baixa renda, o apoio da CEGT é um ato de ruptura da ideologia oficial que prega a submissão da classe trabalhadora em favorecimento da elite, já que o manifesto rompe o discurso da ideologia dominante em favor dos trabalhadores, conclamando os sujeitos através de manifestos publicados em jornais a assumirem uma posição e manifestar-se, neste caso, em apoio ao governo de Jango. Considerando-se o recorte juntamente com os elementos que constituem a página do jornal Última Hora do dia 1º de abril de 1964 em que se encontra, temos a seguinte composição:

Fonte: ÚLTIMA HORA, edição vespertina, p. 3, 1º abr. 1964)



Figura 4 – Manifesto em seu contexto

Nesta página do jornal Última Hora é possível observar, no alto, o título: “Pôrto, Central e Leopoldina paralisados após invasão de sindicatos pela polícia”, produzindo efeitos de justificativa para a incitação da Greve Geral presente no manifesto da CEGT, já que os sindicatos estão reagindo à invasão da polícia. Também na parte de cima do jornal, há a referência à outros manifestos que condenam o golpe (Figura 5), tais como o dos bancários, da União Brasileira de Estudantes Secundários (UBES), Sindicatos Paulistas, Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (CACO) – que distribuiu manifesto dos estudantes da Faculdade Nacional de Direito, a Liga Feminina e o Sindicato dos Têxteis, instigando o sentido de homogeneidade de discursos, como se houvesse um consenso contra o arbítrio, já que os manifestos a favor do golpe não aparecem na composição analisada. Entretanto, embora não apareçam na página, as vozes a favor do

golpe existem, já que os manifestos constituem, por assim dizer, uma resposta a tais discursos, conforme é possível ver no trecho ampliado da mesma página do jornal Última Hora que segue na figura 5:

(Fonte: ÚLTIMA HORA, edição vespertina, p. 3, 1º abr. 1964)



Figura 5 – Manifestos noticiados

Abaixo das enumerações de manifestos, há o título: “Elói Dutra: - Todo apoio a Jango contra o golpe”, reforçando o sentido de rechaçar os que queriam depor o presidente João Goulart. No alto do lado direito da página há o título “Três horas de tensão e pânico no palácio”, seguido abaixo pelos subtítulos “Metralhadora”, “Brucutu” (carro-choque de polícia) e “Lacerda”, marcando sentidos de violência, além de apontar quem está nos bastidores do golpe, no caso o governador da Guanabara Carlos Lacerda, como é possível ver na imagem ampliada na figura 6, que também pertence à página 3 do Jornal Última Hora do dia 1º de abril de 1964:

(Fonte: ÚLTIMA HORA, edição vespertina, p. 3, 1º abr. 1964)

GUANABARA DIA A DIA

Marinus Castro

TRÊS HORAS DE TENSÃO E PÂNICO NO PALÁCIO

O Palácio Guanabara passou, esta madrugada, por 3 horas de tensão e pânico. Tudo começou quando o General Costa e Silva fez, pelo rádio, comunicado direto ao Sr. Carlos Lacerda, dando conta de que 3 mil homens do Batalhão Riachuelo, do Corpo de Fuzileiros Navais, saíram, simultaneamente da Ilha do Governador e da Ilha das Cobras para tomar o Palácio. Todos os homens armados foram postados defronte ao Palácio.

- A uma comissão de Generais do Clube Militar que o visitou esta manhã, o Sr.

Carlos Lacerda exortou: "todos devem participar da operação 'limpeza' - cujo principal objetivo é conseguir aquilo que não foi atingido em 1945 e em 1954.

- Elementos do Grupo de Ação Patriótica também estiveram com o Sr. Lacerda, que envergava elegante blusão preto e se apresenta em franca companhia revolucionária.
- Esta manhã, o Sr. Lacerda concedeu audiência ao Brig. Eduardo Gomes.

METRALHADORA	BRUCUTU	LACERDA
No piso entre as escadarias externas do Palácio da Guanabara, que conduzem ao salão nobre, há uma metralhadora pesada, de carga alta e de grande alcance, foi mandada instalar pelo General Salvador Mandim e está coberta por sacos de areia numa trincheira de cerca de um metro e quarenta centímetros de comprimento com abertura de 1,20m de altura, para a saída do cano, pronta para disparar e guardada por dois soldados.	No centro da área esquerda do jardim do Palácio Guanabara, em direção ao portão da saída está o "Brucutu", ou "Lacerdão", como é conhecido o carrochoque: nele foram instaladas metralhadoras de longo alcance. Na parte externa do palácio há oito bocas de alto-falantes. As 16.30 horas chegavam três guardas da Polícia de Vigilância com vinte homens cada.	As dez horas da manhã de ontem o Governador Carlos Lacerda se reuniu com seus secretários de Estado, mas nada transpirou do encontro: a reunião encerrou-se às 13 horas. O único ausente foi o Sr. Gustavo Borges, que, entretanto se manteve em contato permanente com o Palácio Guanabara através do sistema de rádio, tendo falado diversas vezes com o Governador Carlos Lacerda, ora para informar, ora para receber instruções.

Figura 6 – Guanabara dia a dia

Todos esses dizeres marcando um discurso de violência e instabilidade, em que em meio ao caos promovido pelo golpe de Estado, há os combatentes que se posicionam como leais a Jango. Observa-se que os discursos contra o golpe partem de estudantes, sindicalistas, trabalhadores e portuários, pertencentes às classes de baixa renda, posicionados numa região discursiva historicamente marcada pela luta de vozes entre dominantes e dominados. Ao abrir espaço para tais vozes, o jornal rompe com o discurso oficial, da elite, e fomenta o discurso a favor de uma melhor distribuição de renda, assumindo um ponto de vista que se aproxima da ideologia do cotidiano.

Ainda no jornal Última Hora do dia 1º de abril de 1964, situado na parte de baixo da página 6, encontra-se outro manifesto, desta vez da parte dos portuários:

(Fonte: ÚLTIMA HORA, edição vespertina, p. 6, 1º abr. 1964)



Figura 7 – Manifestação dos marítimos

Neste manifesto, as Federações Nacionais de Marítimos se posicionam favoravelmente ao governo de Jango e repudiam o “governo facista e golpista da Guanabara” (sic). Observa-se que “fascista” remete à memória discursiva do fascismo combatido pelas tropas brasileiras quando da Segunda Guerra Mundial, na Itália, associando sentidos de um inimigo histórico ao governo golpista. Nota-se também que o governo golpista tratado é da Guanabara que, além de abrigar provisoriamente o governo federal até sua transferência definitiva à Brasília, era sede do governo estadual carioca dirigido pelo então governador Carlos Lacerda, favorável à derrubada de Jango. Embora Brasília já tivesse sido inaugurada (21 de abril de 1960), o governo não foi transferido total e imediatamente para essa área, ficando o estado da Guanabara o território provisório da capital brasileira. Nessa época de transição de capital, as forças golpistas se instalaram na Guanabara e, embora Ranieri Mazzili, presidente da Câmara dos Deputados, tenha sido empossado como presidente da república em Brasília, quem comandava de fato era a ala militar golpista que se instalara na Guanabara.

Nota-se neste manifesto, também, a recorrência aos dizeres “trabalhadores” e “povo”, marcando o posicionamento da classe de baixa renda em defesa do governo de Jango. As “reformas de base”, mais uma vez, aparecem como uma das razões que instigam a lealdade dos populares ao governo de Goulart, já que constituem dizeres que corroboram com o discurso da classe dominada. Vemos também que os dizeres “democratas”, “democrático” e “nacionalista” visam englobar sentidos de igualdade entre classes, respeitando a voz da classe trabalhadora brasileira. O nacionalismo aqui empregado refere-se ao repúdio as forças norte-americanas, aliadas aos golpistas.

Observando o manifesto na página 6 do jornal Última Hora do dia 1º de abril de 1964 em que fora publicado, temos a seguinte composição:

(Fonte: ÚLTIMA HORA, edição vespertina, p. 6, 1º abr. 1964)



Figura 8 – Manifesto em Última Hora

O manifesto encontra-se numa página que trata de notícias internacionais, em que as matérias de destaque referem-se à luta de vozes entre países socialistas e capitalistas. Os títulos: “Guevara: - Estamos dispostos ao diálogo com os Estados Unidos”, “Krushev chega à Hungria e reúne-se com Janos Kadar” e “PC chinês dá sua oitava resposta ao comitê central do PC soviético” produzem efeitos de sentido favoráveis ao bloco socialista, indicando que tal sistema posiciona-se aberto ao diálogo, ao acordo, contrariamente à posição do sistema capitalista, representado pelos Estados

Unidos (EUA), que se fecha ao diálogo e nega apoio ao Plano Gromyko, plano que previa a destruição das armas nucleares existentes e a criação de um organismo internacional que evitaria a proliferação das mesmas³. Os EUA, então, são posicionados discursivamente como avessos ao diálogo e fomentadores da guerra, já que não aceitam um acordo de desarmamento. Embora haja controvérsias a respeito da abertura ao diálogo em países socialistas, o discurso construído pelo jornal aponta para sentidos que indicam uma possibilidade de diálogo – princípio que diferencia a “civilização” da forma violenta e brutal dos tidos como “povos primitivos” – maior nos países socialistas do que nos EUA, país líder do sistema capitalista.

Na página 9 do mesmo jornal Última Hora do dia 1º de abril, encontra-se também o seguinte recorte:

³ Sobre o Plano Gromyko ver Andrade (2007).

(Fonte: ÚLTIMA HORA, edição vespertina, p. 9, 1º abr. 1964)

AMAI-VOS UNS AOS OUTROS

Os católicos repudiam a exploração do sentimento religioso do povo brasileiro e a utilização política da religião.

MANIFESTO DA AÇÃO CATÓLICA DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

"A Ação Católica Brasileira da Arquidiocese de São Paulo através das federações das congregações marianas e dos movimentos de ação católica especializadas na educação de adultos e jovens, cumpre com o dever cristão de, num momento de dificuldade e agitação, vir a público para manifestar o seguinte: 1 — sentindo que a Ação Católica é autêntica na medida em que estiver unida ao arcebispo disposta a servi-lo, faremos questão de expressar nossa absoluta filiação ao Cardinal Arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, a quem declaramos nossa obediência total; 2 — expressamos mais uma vez a nossa disposição de lutar com todas as nossas forças pelas reformulações estruturais do País em conformidade com o lícito e oportuno manifesto da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil datado de 30 de abril de 1963;

3 — expressamos nosso profundo contrangimento ante as explorações da fé e do sentimento religioso do povo brasileiro e a utilização política da religião criando um clima de divisão na Igreja a partir das diferenças de opção existentes no plano temporal. Constatamos que estas atitudes são contrárias ao espírito da unidade vivido pelos cristãos neste tempo da Igreja em concílio; 4 — expressamos nosso integral apoio à Ação Católica de Belo Horizonte e ao seu excelentíssimo Arcebispo, Dom João Resende Costa, pelo manifesto corajoso que lançaram e expressamos nosso desagravo aos mesmos pelas ofensas e calúnias que vêm sofrendo; 5 — cremos e proclamamos que só se está integrado à Igreja, na medida exata em que se estiver aderido ao Bispo reconhecendo em sua pessoa o pastor escolhido por Deus para conduzir o rebanho.

Nestes termos, os católicos de Belo Horizonte devem obediência a Dom Resende, assim como aqueles que, em São Paulo, alegam ser católicos e proclamam esta sua condição. O que serão de fato na medida em que estiverem unidos ao Bispo de São Paulo, o Cardinal Mota.

a) — Pedro Kalil — Presidente da Ação Católica de São Paulo.

Assinam também: Padre Dário Bevilacqua e Padre Luis Corrigliani, Vice-Diretor das Congregações Marianas de S. Paulo".

OS BISPOS E A REFORMA AGRÁRIA

"Ninguém pode desconhecer a situação de milhões de nossos irmãos que vivem nos campos, sem poder participar dos benefícios do nosso desenvolvimento, em condições de miséria que constituem uma afronta à dignidade humana. Sabemos que o simples acesso à terra não é solução cabal para o problema. Mas o julgamos inadiável para a realização do direito natural do homem à propriedade ("Pace in Terris"), medida a ser concomitantemente tomada segundo as condições peculiares das diversas regiões do País, com outras de ordem educacional, técnica, assistencial e creditícia. Para a realização deste imperativo, a desapropriação por interesse social não só não contraria em nada a doutrina da Igreja, mas é uma das formas viáveis de realizar, na atual conjuntura brasileira, a função social da propriedade rural. Evidentemente, esta desapropriação, que visa a garantir o exercício do direito de propriedade ao maior número, não pode desrespeitar e destruir esse mesmo direito. Daí a necessidade de prestar indenização, que deverá ser feita dentro dos critérios da justiça, atendendo às possibilidades do País e às exigências do bem comum. Não cremos constituir um atentado contra o direito de propriedade uma indenização total ou parcialmente em dinheiro ou em títulos, dando-se a estes últimos garantia de revalorização, de vencimentos e de poder liberatório pelos quais constituem uma adequada compensação pelos bens desapropriados". (Mensagem da comissão central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em 30 de abril de 1963).

Figura 9 – Manifesto da Ação Católica

Este manifesto, ao contrário dos anteriores, não possui em seu título seus destinatários, mas possui um dizer de origem bíblica, remontando à memória discursiva do discurso cristão. Assemelhando-se mais a uma nota de esclarecimento, este manifesto não faz convocações, mas repudia o uso da religião para fins políticos, configurando-se numa voz que rompe com as manifestações tais como a “Marcha da família com Deus pela liberdade”, dentre outros, que utilizam a religião para defender posições políticas.

Na perspectiva bakhtiniana, o manifesto da ação católica da arquidiocese de São Paulo utiliza-se de um discurso da ideologia oficial da esfera católica, que prega a fraternidade e a paz entre os povos, para confrontar-se com o uso que a ideologia do cotidiano faz da religião para promover pontos de vista políticos. Observando-se que na época havia correntes católicas contra e a favor à reforma agrária, nota-se que o sujeito-católico tanto podia escolher um caminho quanto outro, cabendo a ele decidir, responsivamente, o discurso o qual prefere filiar-se. A escolha para Bakhtin, portanto, deriva da vontade do sujeito, e não da ideologia que o domina. Isto porque,

Esta participação assumida como minha inaugura um dever concreto: realizar a singularidade absolutamente não substituível do existir, em relação a cada momento deste existir. E isso significa que esta participação transforma cada manifestação minha – sentimentos, desejos, estado de ânimo, pensamentos – em um ato meu ativamente responsável (BAKHTIN, 2010, p. 118).

Tratando a questão dos sentidos, observemos o manifesto no contexto da página 9 do jornal Última Hora do dia 1º de abril, que segue:

(Fonte: ÚLTIMA HORA, edição vespertina, p. 9, 1º abr. 1964)



Figura 10 – Manifesto da Ação Católica em seu contexto

O manifesto encontra-se numa página de uma secção policial, que relata crimes violentos como roubos e assassinados. Nota-se que o manifesto, localizado neste contexto, aponta para uma outra forma de violência, o da apropriação e distorção do discurso religioso em favorecimento de uma dada posição política. O mesmo manifesto também é publicado no *Jornal do Brasil* do dia 1º de abril de 1964:

(Fonte: JORNAL DO BRASIL, 1º Cad., p. 5, 1º abr. 1964)



Figura 11 – Manifesto da Ação Católica no contexto do Jornal do Brasil

Entretanto, o mesmo manifesto aqui é colocado na secção de assuntos políticos, mais especificamente na página em que predomina a discussão de afastar João Goulart do poder. Em meio a dizeres como “Exército monta esquema de segurança em frente ao ministério da guerra”, “Tropas deixam a Vila para ocuparem lugares estratégicos”, “Jair reassume e afirma a comandos que ordem será mantida a qualquer preço”, “Araujo Susano assume esquadra-maior da Armada” e “General Mourão diz que Goulart deve ser afastado do Poder” (JORNAL DO BRASIL, 01/04/1964, p. 5), o manifesto encontra-se como um discurso pacifista apagado, isolado entre os dizeres que apontam para a guerra que se forma. Nota-se que o manifesto constitui um discurso pacifista minoritário na página, em detrimento do discurso de guerra majoritariamente encontrado em seu redor. Além disso, no canto esquerdo há uma notícia intitulada “Natércia solidária com Sandra”, referindo-se a um caso de agressão que a última sofrera na igreja dos Santos Anjos, instigando sentidos de que a igreja é local de conflitos, inclusive físicos, alertando para o perigo que há dentro delas (JORNAL DO BRASIL, 01/04/1964, p. 5).

Abafado entre discursos de guerra, o apelo de paz do manifesto se enfraquece em meio à luta de vozes que constroem a página, colocado numa posição de receio,

apreensão e dúvida em relação ao que prega, dado que a violência já se adentra na igreja. Continuando a fazer uma contraposição entre o jornal *Última Hora* e *Jornal do Brasil*, neste último encontramos o seguinte manifesto, publicado em 1º de abril de 1964 no Jornal do Brasil:

(Fonte: JORNAL DO BRASIL, 1º Cad., p. 12, 1º abr. 1964).

**BRASILEIROS
DEMOCRATAS
PATRIOTAS
HOMENS E MULHERES
MÔÇAS E RAPAZES**

Irmãos de todas as condições sociais e de todos os credos: venham para as ruas repudiar o comunismo totalitário e antihumano. Marchemos lado a lado, com Deus e com o espírito dos nossos heróis da liberdade! Compareçam AMANHÃ, ÀS 16 HORAS, na Candelária, à

MARCHA DA FAMÍLIA
com Deus pela Liberdade

Apostolado da Oração
Assembleia de Deus
Associação Cristã de Moços
Associação das Antigas Alunas do Sacre-Coeur de Jesus
Associação das Donas de Casa
Associação das Senhoras Brasileiras
Associação de Pais de Família
Associação de Pais e Mestres
Campanha da Mulher Pela Democracia (CAMDE)
Círculos Operários Católicos
Clube da Liberdade
Clube do Otimismo
Confederação Católica Arquidiocesana do Rio de Janeiro
(Com todas as suas Associações e Obras (1973)
Congregação de Belém
Cruz Vermelha Brasileira
Cruzada do Rosário em Família
Falange Patriótica
Federação de Associações Católicas
Federação de Assistência dos Lázaros e Defesa Contra a Lepre
Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino
Federação das Servidoras do Estado da Guanabara
Frente da Juventude Democrática
Frente Democrática dos Bancários
Frente de Renovação Política Feminina
Grupo de Ex-Combatentes da F.F.B.
Grupo de Desagravo ao Rosário
Instituto Social
Liga da Defesa Nacional
Liga Democrática das Mães Fluminenses
Marilhões Democratas Fluminenses
Movimento Cristão Brasileiro
Movimento de Reafirmação Democrática Brasileira
Movimento Estudantil Democrático Fluminense
União das Entidades Democráticas
Serviço Social Católico de Niterói
Sociedade Cristo Redentor
Sociedade Sabara
União Cívica de São Paulo
União Nacional de Associações Familiares

AMANHÃ ÀS 16 HORAS, saindo da Praça da Igreja da Candelária para a Esplanada do Castelo.

(P)

Figura 12 – Manifesto da Marcha da Família com Deus pela Liberdade

Neste recorte, observamos o discurso da classe média conservadora da época, formada majoritariamente por associações religiosas (notadamente cristãs) e familiares, abarcando movimentos de senhoras e donas de casa. O recorte põe em circulação a ideologia, marcando o confronto entre as ideologias capitalista e socialista/comunista em questão. Tanto neste manifesto quanto nos anteriores ocorre o chamamento do sujeito para o ato responsável, para assumir uma posição ativa frente aos acontecimentos, seja para apoiar o golpe ou rechaçá-lo.

Em relação aos sentidos, notamos que no título há uma gradação do geral ao específico partindo de “brasileiros” até chegar às “moças e rapazes”, apontando para sentidos de completude já que proporciona a impressão de abarcar todos e ao mesmo tempo dirigir-se a um público específico. A quantidade de associações que subscrevem o manifesto também remonta à ilusão de completude, já que o volume numérico aponta para sentidos de legitimidade do discurso em questão. Observa-se também as marcas da heterogeneidade, em que o dizer “Irmãos de todas as condições sociais e de todos os credos” destaca a multiplicidade de vozes existentes na sociedade. O “todos” e “todas” revela uma sociedade não-homogênea, com diferentes classes sociais e múltiplas religiões, marcando os distintos discursos possíveis.

Nota-se, aqui, que o dizer “democrático” indica um sentido diverso de algumas das manifestações analisadas anteriormente, já que as anteriores, com exceção dos dois primeiros recortes, apontam para uma democracia que abranja as classes trabalhadoras, enquanto que neste recorte, assim como os dois primeiros, a democracia mencionada refere-se a do liberalismo, em que a classe dominante assume os poderes de decisão para si, pois julgam que as classes dominadas são incapacitadas para tal exercício⁴.

Em relação à sua localização no jornal, destacamos a seguinte página 12 do Jornal do Brasil em que o manifesto se encontra:

⁴ Sobre o liberalismo e a imprensa, ver AQUINO, 1999.

(Fonte: JORNAL DO BRASIL, 1º Cad., p. 12, 1º abr. 1964)



Figura 13 – Manifesto em seu contexto

O manifesto encontra-se localizado no centro da página 12, secção composta, dentre outros, por notas de falecimento, de agradecimentos religiosos por graças alcançadas, uma notícia de censura de cinema por não exhibir filmes nacionais segundo a frequência que determina a lei e uma pequena nota convocando os jovens ao alistamento militar. Nota-se que a construção da página aponta para dizeres religiosos e nacionalistas, compondo um discurso conservador e patriótico, reforçando os sentidos (e os apelos) do manifesto. Com isso, podemos verificar a importância do contexto para a constituição dos sentidos, considerando-se os dizeres em conjunto com outros ditos, compondo, dessa forma, um discurso heterogêneo e parcial, já que as outras vozes que constroem a página influenciam no direcionamento de sentidos dos manifestos.

Portanto, podemos verificar a influência da ideologia nos manifestos e que o ponto de vista tomado pelo sujeito é também uma das condições elementares no direcionamento dos sentidos, ao lado do contexto social, histórico e ideológico que envolve as condições de produção dos discursos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos, portanto, que embora houvesse vozes de resistência ao golpe militar, notamos que havia uma base de apoio para a eclosão e sustentação da ditadura pelos 21 anos que se seguiram. Percebe-se que, além da luta de vozes entre classe operária e empresários, havia o embate entre a ideologia oficial capitalista – em favor da

propriedade privada e da exploração do homem pelo homem – e a ideologia do cotidiano – em que a pobreza e a desigualdade social marcavam o dia a dia das pessoas, instigando manifestações por mudanças. Com isso, notamos que tais relações se concretizavam através das palavras que, neste caso, são materializadas em manifestos disseminados em dois jornais de grande circulação na época, quais sejam, o *Última Hora* e o *Jornal do Brasil*, cujos manifestos publicados refletiam também o posicionamento de cada jornal em relação ao golpe militar, assunto esse que será discutido em um próximo estudo.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, M.F. *Jornalismo popular*. São Paulo: Contexto, 2006.
- ANDRADE, A. M. R.. Conflitos políticos no caminho da autonomia nuclear brasileira. Associação Nacional de História (ANPUH). XXIV Simpósio Nacional de História, 2007. Disponível em: <http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Ana%20Maria%20Ribeiro%20de%20Andrade.pdf>. Acesso em: 24 maio 2011.
- AQUINO, M.A. *Censura, imprensa, estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999.
- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Última Hora*. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/index.php>. Acesso em: 16 jun. 2011.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- _____. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João, 2010.
- CPDOC/FGV. Samuel Wainer. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/samuel_wainer. Acesso em: 14 jun. 2011.
- DREIFUSS, R.A. 1964: A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.
- FICO, C. Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GOOGLE News. 2012. News Archive: *Jornal do Brasil*. Disponível em: http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19920614&b_mode=2. Acesso em: 30 jan. 2012.
- Jornal do Brasil*. 1964. 1º Cad., p. 3, referente aos dias 05 e 06 de abr. 1964. Disponível em: <http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19640406&printsec=frontpage&hl=en>. Acesso em: 30 jan. 2012.
- Jornal do Brasil*. 1968. 1º Cad., p. 1, 14 dez. 1968. Disponível em: <http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19681214&printsec=frontpage&hl=pt-BR>. Acesso em: 20 abr. 2012.
- MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. 2005. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

RIBEIRO, A. P. G. Há 50 anos, o *Última Hora* de Samuel Wainer revolucionava a imprensa. *Imprensa*, ano 14, n. 161, jun. 2001, p. 52-55.

REFERÊNCIAS DE IMAGENS

Figura 1 – Manifesto da Indústria Carioca. *Jornal do Brasil*, 05 e 06/04/1964, p. 3.

Disponível em:

<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19640406&printsec=frontpage&hl=en>. Acesso em: 30 jan. 2012.

Figura 2 – Manifesto das Classes Produtoras. *Jornal do Brasil*, 05 e 06/04/1964, p. 3

Disponível em:

<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19640406&printsec=frontpage&hl=en>. Acesso em: 30 jan. 2012.

Figura 3 – Manifesto CEGT. *Última Hora*, edição vespertina, p. 3, 1º abr. 1964.

Disponível em:

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pdf.php?dia=1&mes=4&ano=1964&edio=10&secao=1>. Acesso em: 30 jan. 2012.

Figura 4 – Manifesto em seu contexto. *Última Hora*, edição vespertina, p. 3, 1º abr. 1964.

Disponível em:

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pdf.php?dia=1&mes=4&ano=1964&edio=10&secao=1>. Acesso em: 30 jan. 2012.

Figura 5 – Manifestos noticiados. *Última Hora*, edição vespertina, p. 3, 1º abr. 1964.

Disponível em:

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pdf.php?dia=1&mes=4&ano=1964&edio=10&secao=1>. Acesso em: 30 jan. 2012.

Figura 6 – Guanabara dia a dia. *Última Hora*, edição vespertina, p. 3, 1º abr. 1964.

Disponível em:

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pdf.php?dia=1&mes=4&ano=1964&edio=10&secao=1>. Acesso em: 30 jan. 2012.

Figura 7 – Manifestação dos marítimos. *Última Hora*, edição vespertina, p. 6, 1º abr. 1964.

Disponível em:

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pdf.php?dia=1&mes=4&ano=1964&edio=10&secao=1>. Acesso em: 30 jan. 2012.

Figura 8 – *Última Hora*, edição vespertina, p. 6, 1º abr. 1964.

Disponível em:

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pdf.php?dia=1&mes=4&ano=1964&edio=10&secao=1>. Acesso em: 30 jan. 2012.

Figura 9 – Manifesto da Ação Católica. *Última Hora*, edição vespertina, p. 9, 1º abr. 1964.

Disponível em:

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pdf.php?dia=1&mes=4&ano=1964&edio=10&secao=1>. Acesso em: 30 jan. 2012.

Figura 10 – Manifesto da Ação Católica em seu contexto. *Última Hora*, edição vespertina, p. 9, 1º abr. 1964.

Disponível em:

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pdf.php?dia=1&mes=4&ano=1964&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 30 jan. 2012.

Figura 11 – Manifesto da Ação Católica no contexto do *Jornal do Brasil*. *Jornal do Brasil*, 1º Cad., p. 5, 1º abr. 1964.

Disponível em:

<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19640401&printsec=frontpage&hl=en>. Acesso em: 30 jan. 2012.

Figura 12 – Manifesto da Marcha da Família com Deus pela Liberdade. *Jornal do Brasil*, 1º Cad., p. 12, 1º abr. 1964.

Disponível em:

<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19640401&printsec=frontpage&hl=en>. Acesso em: 30 jan. 2012.

Figura 13 – Manifesto em seu contexto. *Jornal do Brasil*, 1º Cad., p. 12, 1º abr. 1964.

Disponível em:

<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19640401&printsec=frontpage&hl=en>. Acesso em: 30 jan. 2012.

Recebido em 26/04/2012

Aceito em 12/06/2012

Versão revisada recebida em 25/06/2012

Publicado em 30/06/2012

IDEOLOGIES IN THE MANIFESTS FOR AND AGAINST THE MILITARY DICTATORSHIP: BAKHTINIANS LOOKS

ABSTRACT: This paper studies the discourse from the perspective of Bakhtin's Circle in manifests for and against the 1964 military coup. Assuming that the outbreak and the establishment of this government had the support of sectors of society confronting others, we will take a look at how ideology and subject influences on the construction of meaning. To do this, we will use six manifests published by the newspapers *Última Hora* and *Jornal do Brasil*, published on April 1 and April 6, 1964. Preliminary analysis of the data indicates the importance of socio-ideological-historical and the subject perspective in the production of meaning.

KEYWORDS: ideology; subject; military dictatorship; Mikhail Bakhtin.

